

Leituras da Imigração Italiana em *O Quatrilho*

Bruno Brizotto*

Resumo: Exame do romance *O quatrilho*, escrito pelo ficcionista gaúcho José Clemente Pozenato e publicado em 1985, sob o viés da interface entre o discurso histórico e o literário. O substrato histórico do romance em questão está centrado em fins do século XIX, a partir das vivências de um grupo de descendentes de imigrantes italianos, as famílias Gardone e Besana. Busca-se, assim, verificar a forma como o discurso literário faz a leitura do fato histórico aludido valendo-se de algumas práticas culturais (culinária, trabalho, *filòs*, maneiras de sociabilidade, casamento), executadas pelas personagens citadas.

Palavras-chave: Discurso histórico; Discurso literário; Imigração italiana; *O quatrilho*; José Clemente Pozenato.

Abstract: Examination of the novel *O quatrilho*, written by the gaucho novelist José Clemente Pozenato and published in 1985, under the bias of the interface between the literary and historical discourse. The historical substrate of the novel in question is centered in the late nineteenth century, from the experiences of a group of descendants of Italian Immigrants, the families Gardone and Besana. It seeks, thus, to check how the literary discourse reads the historical fact alluded, making use of some cultural practices (culinary, work, *filòs*, ways of sociability, marriage), performed by the characters mentioned.

*Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
E-mail: brunobrizotto@gmail.com

Keywords: Historical discourse; Literary discourse; Italian immigration; *O quatrilho*; José Clemente Pozenato.

O quatrilho é um jogo demoníaco. Ele faz viver a tentação da infidelidade. Em cada mão de cartas é procurado um novo parceiro. Talvez esteja nisso o seu grande fascínio. O desastre acontece quando esse fascínio passa do jogo para a vida real.

(Das reflexões do Padre Giobbe)

História e literatura, duas escritas que, de maneira diversa, compartilham o ambicioso projeto de apreender as sociedades.

(Maria Stella Martins Bresciani)

1. História, Literatura e Imigração italiana

As relações entre História e Literatura têm estado em primeiro plano na ficção sul-rio-grandense. Como exemplos, podemos citar as obras *A divina pastora* (1849) e *O corsário* (1851), ambos de José Antônio do Vale Caldre e Fião; *O vaqueano* (1872) e *Paisagens* (1875), ambos de Apolinário José Gomes Porto-Alegre; *Os farrapos ou A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul*, poema escrito por Francisco Lobo da Costa em 1876, sendo publicado mais de cem anos depois, em 1985; *Os farrapos* (1877), de Oliveira Bello; *Contos Gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), ambos de João Simões Lopes Neto; *A epopeia dos farrapos* (1922) e *O último farrapo* (1923), ambos de Aurélio Porto; *O tempo e o vento* (1949-1962), de Erico Verissimo; *Um quarto de légua em quadro* (1976) e *A prole do corvo* (1978), ambos de Luiz Antônio de Assis Brasil; *Mês de cães danados* (1977), de Moacyr Scliar; *A Casa das Sete Mulheres* (2002), de Leticia Wierzchowski; *A cocanha* (2000), *O quatrilho* (1985) e *A babilônia* (2006), ambos de José Clemente Pozenato, etc., podendo elencar páginas e páginas com exemplos.

O que essa pequena amostragem expressa é o tratamento especial que o entrecruzamento entre os discursos histórico e literário

recebeu por parte desses e tantos outros escritores e escritoras. Temáticas como a Revolução Farroupilha (1835-1845), as desavenças com a Argentina de Rosas e o Paraguai de Solano Lopes, a Revolução Federalista (1893-1895), a imigração e o assentamento em terras gaúchas de açorianos, alemães, italianos, judeus e de outros povos são postas e repostas, tanto em caráter de louvação e mitificação, quanto no formato de análise social e crítica aos padrões impostos pela sociedade. No primeiro caso, estaria *O vaqueano*; já, no segundo, *O tempo e o vento*, por exemplo.

Algumas considerações sobre o discurso histórico e o literário podem elucidar as relações inseparáveis entre esses dois discursos. Quando se trata da concepção oitocentista de história, fala-se no aspecto científico desta, graças a seu comprometimento com a verdade. Tal aceção não está incorreta, pois é no século XIX que a história ganha *status* de ciência, tendo um objeto próprio de estudo (o fato histórico), uma metodologia, hipóteses a serem testadas. Essa concepção perdurou por todo o século XIX, apresentando-se como a caracterizadora do discurso histórico. Com o advento do século XX e sua conseqüente relativização dos fatos e dos conceitos, tal visão de história começa a ser fortemente questionada. A ideia básica defendida pela nova abordagem (a *Nouvelle histoire*, por exemplo) ancora-se no fato de que o discurso histórico é uma das várias formas de se entender os acontecimentos, sendo um discurso que apresenta possibilidades de conhecimento, fato que o aproxima da narrativa ficcional. White endossa esse posicionamento, ao afirmar: “O que o discurso histórico produz são *interpretações* de seja qual for a informação ou o conhecimento do passado de que o historiador dispõe.” (WHITE, 1991, p. 22, grifo do original). Nesse sentido, o discurso literário, ao apresentar através do constructo ficcional a visão de mundo de seu autor, está construindo outra possibilidade de conhecer a realidade. Fundamental acerca desses dois discursos é a carga ideológica que ambos carregam, expressa pela palavra, pelo discurso, visto que sem

ela não haveria história, literatura, nem mesmo a própria palavra. Michel Pêcheux, filósofo francês ligado aos estudos de Análise do Discurso, faz as seguintes considerações sobre essa questão: “[...] as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, ou seja, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem [...]”. (PÊCHEUX, 1988, p. 160, grifo do original). Levando em conta o exposto, podemos afirmar que a literatura pode realizar a leitura de determinado fato histórico, como é o caso deste trabalho, na medida em que utiliza como ferramenta o processo de representação simbólica. Bourdieu (2006) torna essa ferramenta visível, ao afirmar que a representação simbólica constitui também parte da realidade, podendo e devendo ser transformada em objeto de conhecimento científico.

Somado a essas considerações está a proposição teórica que serve como centro de nossa investigação: o entrecruzamento entre a história e a literatura. Em *Tempo e narrativa* (2010), o filósofo e hermenêuta francês Paul Ricoeur desenvolve essa questão em três etapas: na primeira, analisa a heterogeneidade entre história e literatura; na segunda, verifica um certo paralelismo entre tais áreas; e, na terceira, apresenta “a *confluência* entre as duas séries de análises dedicadas respectivamente à história e à ficção, ou mesmo a envoltura mútua dos dois procedimentos de refiguração” (RICOEUR, 2010, p. 310, grifo do original), que será objeto de análise por parte desse estudioso. Percebe-se, claramente, que a perspectiva do autor leva em conta a temporalidade, característica fundamental na tradição hermenêutica, conforme podemos verificar em *Ser e tempo*, de Martin Heidegger (2009), e em *Verdade e método*, de Hans-Georg Gadamer (2008). Ricoeur (2010, p. 311) elucida o sentido do termo entrecruzamento, afirmando que “por entrecruzamento entre história e ficção, entendemos a estrutura fundamental, tanto ontológica como epistemológica, em

virtude da qual a história e a ficção só concretizam suas respectivas intencionalidades tomando de empréstimo a intencionalidade da outra." Visto dessa forma, tanto a narrativa histórica quanto a narrativa ficcional seriam formas simbólicas. Ainda no que diz respeito ao projeto hermenêutico de Ricoeur (2010), bem como da conexão deste com a análise de *O quatrilho*, são fundamentais as palavras de Gentil (2010, p. XI) na "Introdução" de *Tempo e narrativa*: "é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa." E é essa experiência humana do tempo, representada nas páginas do romance de Pozenato (2008), que constrói a interface história/literatura em todas as suas configurações possíveis. Além disso, a hermenêutica filosófica de Gadamer (2008) também contribui para a análise em questão, na medida em que trata do referido conceito de experiência. Segundo o autor alemão, a experiência hermenêutica é "experiência da finitude humana. É experimentado, no autêntico sentido da palavra, aquele que tem consciência dessa limitação, aquele que sabe que não é senhor do tempo nem do futuro." (GADAMER, 2008, p. 466-467).

Ao considerarmos a celebração dos 140 anos da chegada dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, torna-se fundamental trazer à tona *O quatrilho*, obra ímpar no contexto da literatura sul-rio-grandense no que concerne aos estudos de imigração. Essa narrativa escrita por José Clemente Pozenato (São Francisco de Paula, RS, 1938-) coloca em cena a narração de uma história de garra, luta, trabalho, e, sobretudo, de amor. Integrante da trilogia da imigração italiana de Pozenato, *O quatrilho*, lançado em 1985, forma juntamente com *A cocanha* e *A babilônia*, editados em 2000 e 2006, respectivamente, um rico painel da vida, dos costumes e da consolidação desse grupo no estado do Rio Grande do Sul.

No que tange aos estudos sócio-históricos e culturais, bem como linguísticos-dialetológicos, os estudos de Frosi e Mioranza (2009)

descrevem o processo histórico da imigração italiana, desde a saída da Itália até a acomodação no Brasil, em especial na Região Nordeste do Rio Grande do Sul. A Itália estava terminando seu processo de unificação com a conquista de Roma em 1870. Tal processo não pôs solução aos problemas socioeconômicos, só veio agravá-los. O caso mais grave residia nas regiões ao norte do rio Pó, as quais “permaneceram no *status* econômico idêntico ao de antes da unificação. A grande disparidade entre classe rica e classe pobre – esta quase na miséria – dominava em toda a região.” (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 21). Daí a causa pela qual grande parte da população italiana lançou-se ao “novo mundo”, a “América” ou “*paese di cuccagna*” (país da fortuna, da abundância), muito bem retratado por Pozenato (2011) em *A cocanha*. Já nas primeiras páginas desse romance, encontramos tal referência:

A população inteira da vila está nas janelas ou na beira da rua, calçada com pedras luzidias. Domênico, o alfaiate, corre ao longo do cortejo, agita os braços e grita sem parar:

– *Viva la Mérica!*

– Viva! Viva!, respondem homens, mulheres e crianças.

– *Viva il paese della cuccagna!*

– Viva! (POZENATO, 2011, p. 9)

O fotógrafo Domênico também vê na América um futuro promissor: “As pessoas todas andavam fascinadas com o novo invento [a máquina fotográfica]. Na América não seria diferente. Quem sabe não estaria lá a sua cocanha?” (POZENATO, 2011, p. 33). O mesmo ocorre com a personagem Antônio. Observe-se:

Antônio vinha tentando conseguir um pedaço de terra para cultivar por sua conta. Isso lhe daria maior importância dentro da casa e, talvez, até uma cozinha própria. O fato é que ele não conseguia alugar de ninguém essa terra. Foi então que começou a circular na vizinhança a notícia de que se estava organizando uma lista de quem queria ir para o Brasil. [...] A família inteira ia para a América. *Estava farto de passar miséria e vergonha e de ter dívidas*

que aumentavam em vez de diminuir. [...] Antônio garantiu que na América teriam sua própria casa, onde ela [Giulietta, sua esposa] poderia mandar, sem sogro nem outros parentes de trombeta na mão. (POZENATO, 2011, p. 39, grifo nosso)

O excerto em destaque, na citação anterior, coloca em evidência a situação pela qual passavam os italianos. Tal circunstância é assinalada por Frosi e Mioranza (2009, p. 22):

A emigração, pois, não tem sido aventureira, mas de necessidade. Com efeito, quando em 1870, o Governo Imperial do Brasil decidiu povoar terras incultas e devolutas do Sul do País, houve grande receptividade nas regiões vêneta-lombardo-trentinas e iniciaram-se, a partir de 1875, os movimentos e fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul.

Tal afirmativa possui um dado de extrema importância: a causa principal não foi aventurar-se em outro país, mas fugir da miséria que assolava determinadas regiões da Itália, em especial, as disparidades vividas no Norte. Verificamos que duas regiões italianas contribuíram de modo mais expressivo para o processo imigratório: o Vêneto e a Lombardia, com 54% e 33%, respectivamente, no que concerne aos índices imigratórios. No Vêneto, destaca-se a província de Vicenza (32%) e, na Lombardia, a de Cremona (30%). A importância de tais dados reside no fato de mostrar quais áreas contribuíram mais para o processo aqui desenvolvido. Convém uma ressalva: outras regiões e províncias também ajudaram na constituição do assentamento dos italianos em terras brasileiras. (Cf. FROSI; MIORANZA, 2009, p. 23-48). Importa lembrar, nesse sentido, os efeitos que a saída dos imigrantes (italianos, alemães) teve sobre os países de origem (Itália, Alemanha) e sobre o país que os recebeu (Brasil). No primeiro caso, “o envio desta massa imigrante para os chamados ‘países novos’ tornou-se um negócio vantajoso, ainda mais que se descortinavam perspectivas de retorno de capitais, pela formação de núcleos de nacionais no exterior que se vinculariam por laços comerciais à pátria

de origem.” (PESAVENTO, 1997, p. 46). Já, no segundo, “a entrada dos imigrantes possibilitou que, internamente, se desse o processo de transição de mão-de-obra escrava para a mão-de-obra livre.” (PESAVENTO, 1997, p. 46). A historiadora gaúcha também chama a atenção para o fato de os imigrantes não atenderem aos interesses da oligarquia regional, “uma vez que os imigrantes vinham trabalhar para si e não resolver problemas da falta de braços na pecuária.” (PESAVENTO, 1997, p. 47).

2. Quando o discurso literário conta a história: leituras da imigração italiana em *O quatrilho*

O quatrilho, desde sua publicação, ganhou rápido destaque no cenário literário gaúcho, bem como no brasileiro. Isso se deve ao fato de a produção ficcional gaúcha moderna (a partir de 1930 e se intensificando mais tarde) substituir “o conflito liderado por Bento Gonçalves” (ZILBERMAN, 1982, p. 90), deslocando sua atenção para as narrativas de colonização, de temática étnica. Zilberman (1982, p. 90) explica o motivo de tal mudança na orientação ficcional:

o Rio Grande do Sul foi uma das poucas regiões brasileiras cuja ocupação se deu por intermédio da imigração de grupos de colonos, como açorianos, alemães, italianos, judeus. Ao contrário dos outros estados, cuja formação racial se deveu à confluência entre lusitanos, negros e índios, durante o período colonial, o Rio Grande do Sul contou tanto com a colaboração destes povos, sobretudo portugueses e paulistas que se miscigenaram aos índios, quanto com a vinda, em diferentes épocas, de representantes de distintas nações, que se estabeleceram ao longo do território. [...] a colonização converteu-se num dos principais tópicos da vida sulina, não apenas por explicar singularidades europeizantes que tomou a cultura e o *modus vivendi* locais, mas também por atestar uma modalidade de formação histórica e um tipo de funcionamento social.

Percebe-se que a primazia do ciclo regionalista, representado, sobretudo pelo espaço da Campanha, perde sua representatividade literária. Os desequilíbrios sociais ocorridos no campo, fato que Cyro Martins explora com maestria em sua trilogia do gaúcho-a-pé (*Sem rumo, Porteira fechada e Estrada nova*), abalam as estruturas dessa modalidade de narrativa. Portanto, é “o romance histórico vinculado à narração dos episódios da colonização” (ZILBERMAN, 1982, p. 91) que sucede e ganha espaço na produção literária gaúcha dos anos que seguem os decênios de 1930/1940. Outro fator que pode explicar essa situação decorre do fato de a narrativa sul-rio-grandense e, conseqüentemente, a brasileira, reconhecer a diversidade cultural não como empecilho para a unidade cultural e social, mas sim como elemento constituidor da cultura nacional. Isso levou Pozenato (2003, p. 15) a afirmar enfaticamente que “a unidade cultural do país será enriquecida com a soma das diversidades regionais e locais.”

A trilogia da qual *O quatrilho* faz parte mostra três gerações das mesmas famílias, cada geração com seus sonhos, seus dramas, suas derrotas e suas pequenas conquistas. O aspecto mais significativo dessas narrativas consiste no fato de colocarem em foco a história clandestina de cada personagem, ao invés de somente focalizar a grande história da imigração. Tais obras vão muito além de serem puras crônicas da imigração, já que nos fazem refletir sobre o duro processo de adaptação à nova terra, a grandeza e a miséria da condição humana.

Arendt (2009, p. 5) afirma sobre as personagens de Pozenato que estas “[...] assumem a forma humana convencional, com suas naturais virtudes, defeitos e contradições.” Nesse sentido, Maestri (2001) assevera que

a obra de Pozenato supera as chamadas narrativas vitimárias e prometéicas das leituras étnico-apologéticas da colonização, no

sentido de não reproduzir as imagens consagradas pela literatura e pela memória de titãs loiros desbravando, contra ventos e marés, florestas tenebrosas habitadas por feras horríveis.¹

Todos esses argumentos resultam na seguinte assertiva: a produção de Pozenato, no que se refere à ficção dos imigrantes italianos, constitui uma ruptura em relação às imagens já produzidas sobre a imigração, que mitificam a figura do imigrante italiano e de seus descendentes, sejam no campo da historiografia, como é o caso de Mansueto Bernardi, ou da literatura, destacando-se o frei capuchinho Fidélis Dalcin Barbosa.

A leitura da imigração italiana em *O quatrilho* mostra-se de diferentes formas, seja na culinária, no trabalho, nos *filòs*, nas maneiras de sociabilidade, no casamento, enfim, nas práticas culturais desse grupo social que contribuiu para a construção do Rio Grande do Sul e, sem dúvida, do Brasil.

No primeiro capítulo (p. 11-14), o narrador apresenta a cena do casamento de Ângelo Gardone com Teresa Besana, fato que possibilita refletir sobre duas situações. A primeira indica o vestuário de Ângelo, em especial sua “pesada jaqueta de casimira, que agora tanto lhe aumentava o desconforto, era a mesma com que o pai tinha casado, ainda na Itália.” (POZENATO, 2008, p. 11). Note-se o valor de tal jaqueta, usada pelo pai em seu casamento, “ainda na Itália”. Essa jaqueta, de um lado, denota a importância dos pertences da cultura italiana e, de outro, o limitado número de bens de algumas famílias. Contudo, o valor que fica é o da tradição. É importante, nesse sentido, levar em conta a perspectiva de Gadamer (2008), no que tange ao conceito de tradição. Em suas palavras: “A realidade dos costumes, p. ex., é e continua sendo, em sentido amplo, algo válido a partir da herança histórica e de toda a tradição. Os costumes são adotados livremente, mas não

¹ Originalmente, esta citação não possui paginação.

são criados nem fundados em sua validade por um livre discernimento.” (GADAMER, 2008, p. 372). A jaqueta do pai de Ângelo, nesse caso, exerce uma importante função no contexto da tradição: é um costume adotado livremente pela cultura italiana, mas só cumpre a sua função de valor cultural, na medida em que for levada em conta a representação simbólica para o grupo cultural em questão. Isso permite que essa peça atue como elemento de autoridade, tornando-se anônima. Tal perspectiva é defendida por Gadamer (2008, p. 372), ao afirmar que “nosso ser histórico e finito está determinado pelo fato de que também a autoridade do que foi transmitido, e não somente o que possui fundamentos evidentes, tem poder sobre nossa ação e nosso comportamento.” Assim, a jaqueta de Aurélio Gardone é um objeto possuidor de tradição, pelo fato desta possuir “validade sem precisar de fundamentação.” (GADAMER, 2008, p. 372). Somado a isso, está o ponto de vista de Clifford Geertz, antropólogo norte-americano, que encara a cultura humana como um conjunto de textos, “na qual o antropólogo deve saber ler por sobre os ombros daqueles a quem esta cultura pertence.” (GEERTZ, 1989, p. 452). Precisamos, então, ler a cultura da imigração italiana a partir da perspectiva dos próprios atores culturais, isto é, dos imigrantes e de seus descendentes. E não esquecendo que o exame dessa cultura deve ser analisado dentro de uma dimensão histórica.

A segunda situação representada aponta para o fato de Ângelo ter que cuidar da família e administrar os negócios, devido à morte de sua mãe, Rosa Gardone. Observe-se o fragmento: “Ele, Ângelo, tivera que começar a dar as ordens, fazer os negócios, ser o chefe da casa. Os dias tristes, as caras tristes dos irmãos, as noites cheias de cansaço, as raras palavras trocadas, isso tinha sido a sua vida.” (POZENATO, 2008, p. 13). Tal fato decorre da já citada falência de sua mãe e do fato de Ângelo já ter quatorze anos, idade razoável para ajudar o pai nas tarefas e nos negócios.

As circunstâncias mais representativas para mostrar costumes italianos referem-se à culinária e seus desdobramentos, já que determinados pratos sofreram mudanças e/ou complementações no processo de preparo de tais alimentos. Padre Giobbe, ao dirigir-se à casa de Dona Iolanda, vai conjecturando sobre os sabores que encontraria, na certeza de que um verdadeiro banquete estava a sua espera:

E era bom que estivesse morto de fome. Na mesa de Dona Iolanda, a estas horas impaciente da espera, ia encontrar na certa um banquete digno da velha Ilíada. Postas douradas de leitão, fatias de queijo rústico, a travessa de *taiadèle* laboriosamente cortada em tirinhas uniformes, a salada temperada com vinagre tinto e toucinho. E, junto, o vinho vermelho, de cheiro acre, onde molhar os bocados de pão branco, prelúdio de uma sesta bem merecida. No entanto, durante muito tempo, o que ele encontrava nas mesas dos colonos era uma pobre polenta envergonhada, a salada amarga de *pissacàn* e a indefectível galinha frita, guardada para o sacrifício no dia da visita do padre. (POZENATO, 2008, p. 21-22)

O episódio descrito demonstra a fartura encontrada em certas famílias, bem como o oposto, por parte de algumas. Ribeiro (2005, p. 88) assinala que “todas essas transformações, e outras que se lhes seguiram, acarretaram mudanças decisivas no regime alimentar.” Essa descrição dos alimentos presentes na casa de D. Iolanda permite estabelecer uma ponte com as festas de colônia, de santo ou de comunidade que acontecem na Região de Colonização Italiana. O que é apreciado, em termos de comida e bebida, em tais festas, é semelhante ao descrito na narrativa. Alguns alimentos podem ser diferentes, todavia a essência é esta: a familiaridade com a culinária que os imigrantes nos legaram é sem preço, isto é, é a cultura que devemos continuar a estudar e pela qual devemos zelar.

O segundo caso alusivo à culinária diz respeito ao almoço da festa de casamento de Ângelo e Teresa, realizado na casa do marido.

O primeiro ponto a ser destacado compreende uma expressão em italiano: *Prima i òmini*, quer dizer, primeiro os homens. Estes “não têm paciência de esperar”. (POZENATO, 2008, p. 25). A expressão em questão implica o seguinte: não há lugar para todos na mesa, então a refeição deve ser preparada em duas etapas. Assim, os homens vêm em primeiro lugar e só depois as mulheres, juntamente com as crianças. Isso denota o poder do homem na sociedade da época, situação que ainda ocorre em várias famílias atualmente. Aqui, também, é muito interessante o papel de destaque de uma bebida: o vinho. Através das ações de Aurélio Gardone, percebemos o destaque que tal bebida ganha no almoço e em outras refeições. Aurélio encontrava-se em um péssimo lugar e não poderia tomar todo o vinho que quisesse. Seu filho estava ao lado e, sem dúvida, estaria medindo cada copo que o pai tomasse. A sorte vem a seu encontro no momento em que o compadre Cósimo senta-se ao seu lado. O compadre, nos seus quase oitenta anos, estava ainda “firme no vinho”. Com isso a seu favor, Aurélio pode tomar todo o vinho que quiser, somando-se o fato de Cósimo ser padrinho de casamento de Ângelo. Cósimo enche o copo de Aurélio, clamando: “*Beve, compare, che’l vin no fa mal!* Hoje é festa. [...] Compadre Cósimo tornou a enchê-lo: – *Bravo, compare.* Vamos fazer uma bebedeira nós dois. *Femo una ciùca, e dopo cantemo.*” (POZENATO, 2008, p. 25). Cósimo representa o italiano que passou a vida bebendo vinho, não no termo pejorativo de alcoólatra, mas como bebida que revigora o corpo e a mente.

Esse é apenas um dos possíveis cenários em que o vinho desempenha papel proeminente para os homens da casa. Outra situação exhibe uma reunião de vizinhos, um *filò*, realizado na casa de Aurélio. Notamos aqui dois episódios importantes para o presente estudo. O primeiro diz respeito ao vinho, que aqui é apreciado de outra forma: vinho quente com canela. Entretanto, os homens não querem beber tal modalidade, preferindo “vinho de verdade” (POZENATO, 2008,

p. 52), nos dizeres do velho Cósimo. Nesse sentido, o vinho desempenha um importante papel, tanto para os imigrantes italianos e seus descendentes quanto para a economia gaúcha e brasileira, conforme assevera Pesavento (1997, p. 50):

Os italianos, ao chegarem, já encontraram uma rede de comercialização montada pelos alemães à sua espera para o escoamento do que viessem a produzir. Se, de um lado, isso facilitava a comercialização de seus produtos, de outro os tornava submissos do capital alemão. Além disso, todos os artigos da policultura, que poderiam produzir, teriam de enfrentar a concorrência dos produtos alemães. A saída encontrada pelos novos imigrantes foi a especialização de determinadas zonas coloniais italianas num só tipo de artigo: o vinho, que encontrou um amplo mercado de consumo no centro do país, entre a população de origem italiana.

O segundo episódio diz respeito ao jogo disputado pelos homens, o *quadrilho*, jogo de cartas que envolve quatro pessoas, as quais não têm parceiro fixo, trocando-se a todo momento. Eis como Pozenato o apresenta: “Aurélio apanhou o baralho no alto da prateleira. [...] Abancou-se na mesa com o velho Cósimo, o Beppe e o pai de Teresa. [...] – O que é que se joga? – O *quadrilho* – propôs Aurélio.” (POZENATO, 2008, p. 51-52).

No que concerne ao trabalho braçal ligado ao casamento, verificamos que isso pode ser encontrado na seguinte passagem: “Aí me disseram que casando com moça trabalhadeira também dá para enriquecer.” (POZENATO, 2008, p. 66). Tal sentença é pronunciada por Máximo, em uma conversa com Teresa, quando esta vai visitar Pierina e, conseqüentemente, ele aparece depois do trabalho na roça. Notamos que Máximo não possui grandes sentimentos por Pierina, sua esposa, afirmando que não importa a beleza, e sim a força para trabalhar. Caso contrário de Teresa, que é linda como “a moça de olhos negros de Buenos Aires.” (POZENATO, 2008, p. 46).

No mesmo dia do almoço referente ao casamento de Ângelo, Aurélio, após ter almoçado, se dirige para o paiol com uma garrafa de vinho, a fim de beber sozinho. Quando está bebendo no paiol, lembra-se de sua querida Rosa e da promessa feita a ela: não a deixaria viver na miséria e faria dela uma *signora*. Devido a esse juramento, embarcaram para a América, com o intuito de construir um futuro próspero: “Que sonhos eles tinham no navio! Uma casa grande, cheia de filhos, muitas vacas no pasto, belas colheitas de trigo para terem pão no ano inteiro, dinheiro para se vestirem de seda e casimira, perfumes para Rosa, charutos para ele...” (POZENATO, 2008, p. 27). Entretanto, o que encontram do outro lado do Atlântico foi exatamente o contrário:

Bela ciavàda! Aurélio Gardone lembra como se fosse hoje. Quando chegou na colônia que lhe foi destinada, deixando rosa no barracão dos imigrantes, e viu a altura das árvores que teria de derrubar para plantar ao menos umas covas de milho, chorou. [...] E foi chorando que deu a primeira machadada, e outra, e outra. A primeira árvore caiu, e ele deu um grito de alegria. Alguns dias depois tinha já erguido um rancho e trouxe a sua Rosa. [...] Ela [...] divertia-se em cozinhar a polenta sobre três pedras, debaixo de sol e chuva. [...] E com que alegria comeram o primeiro pão de trigo, duro como uma pedra, por falta de fermento. Ângelo era recém nascido. Rosa fez com que ele também provasse o pão, como augúrio de que nunca passaria fome. (POZENATO, 2008, p. 27-28)

Constatamos, assim, que o país da fartura, da abundância estava longe de ser achado. E a prova mais justa pode ser encontrada no excerto acima, que mostra bem a realidade pela qual os primeiros imigrantes tiveram que passar. Contudo, temos que relativizar o fato, pois “mesmo nos piores momentos iniciais os colonos puderam ao menos recorrer à caça silvestre, que abundava na região” (SABATINI, 1975 *apud* RIBEIRO, 2005, p. 86), como também à coleta do pinhão – fruto da araucária –, existente em abundância na região, nessa época.

3. Interface história/literatura: construindo ricas possibilidades de conhecimento da realidade

A leitura que o texto literário realiza da história permite que reflitamos, entre outras questões, sobre a possibilidade de as personagens que povoam a trama literária terem existido de fato ou não. Tomando como exemplo os personagens de *O quatrilho* veremos que estes

existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida. Porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo. (PESAVENTO, 2006, p. 4)

Lembrando ainda que para a voz narrativa os fatos narrados no texto literário realmente existiram, conforme registra Ricoeur (2010) em *Tempo e narrativa*. Processo análogo ocorre com o historiador quando este redige os textos históricos: ele crê nas informações que coletou para organizar a versão² que pretende escrever sobre determinado fato histórico. Segundo Pesavento (2006, p. 4),

neste campo temos também um narrador – o historiador – que tem também tarefas narrativas a cumprir: ele reúne os dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamentos entre eles, elabora uma trama, apresenta soluções para decifrar a intriga montada e se vale das estratégias de retórica para convencer o leitor, com vistas a oferecer uma versão o mais possível aproximada do real acontecido. [...]

² De acordo com Pesavento (2006, p. 4), “na reconfiguração de um tempo – nem passado nem presente, mas tempo histórico reconstruído pela narrativa –, face à impossibilidade de repetir a experiência do vivido, os historiadores elaboram versões. Versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que teria se passado um dia. O historiador atinge pois a verossimilhança, não a veracidade.”

Historiadores também mediatizam mundos, conectando escrita e leitura. Dele também se espera performance exemplar, genial, talvez... E ele também não tem, admitamos, certezas absolutas de *chegar lá*, na tal temporalidade já escoada, irremediavelmente perdida e não recuperável, do acontecido.

Assim, percebe-se que a história e a literatura compartilham um traço em comum: o fato de serem construídas na forma de discurso, de texto escrito, situação que permite a essas duas searas do conhecimento se constituírem enquanto ferramentas para que possamos compreender melhor o mundo que nos cerca, a nossa realidade. “A literatura”, assevera Pesavento, “registra a vida.” Ela é, sobretudo, “impressão de vida. E, com isto, chegamos a uma das metas mais buscadas nos domínios da História Cultural: capturar a impressão de vida, a energia vital, a *enargheia* presente no passado, na raiz da explicação de seus atos e da sua forma de qualificar o mundo.” (PESAVENTO, 2006, p. 8).

Por fim, a análise encetada mostra-se relevante para os estudos acadêmicos, na medida em que toma o fato literário como elo entre o fictício e o real³, o que, na verdade é o mote de diversos trabalhos desenvolvidos nas universidades. Além disso, um exercício como o realizado aqui abre portas para outros pesquisadores da área também oferecerem suas contribuições para este tipo de investigação, que só traz frutos para quem o realiza, sem falar no rico aprendizado que se obtém ao entrar em contato com uma obra, através de um ponto de vista interdisciplinar, cotejando informações da história, da literatura, da antropologia e da hermenêutica, perfazendo uma abordagem que necessita ser difundida em um país multicultural como o nosso.

³ Respeitando-se, obviamente, as leis que regem cada mundo, seja ele ficcional ou real.

Referências

- ARENDE, João Claudio. "Literatura, história e imaginário no romance *A cocanha*". Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/92/126>>. Acesso em: 10 Jun 2015 (2009). p. 101-112.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 9. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006 (1989).
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2009 (1975).
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 10. ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008 (1960).
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989 (1973).
- GENTIL, Helio Salles. "Introdução". In: RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* – Tomo I. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 (1983-85). p. XI-XXII.
- São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. XI-XXII.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 4. ed. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2009 (1927).
- MAESTRI, Mário. Pozenato cria o mundo em "A cocanha". In *Zero Hora*, Porto Alegre, 06 Jan 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi. São Paulo: Unicamp - Faculdade de Educação, 1988 (1975).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997 (1980).
- _____. "História & literatura: uma *velha-nova* história". Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 10 Jun 2015 (2006). p. 1-9.
- POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- _____. *O quatrilho*. Caxias do Sul: Maneco, 2008 (1985).
- _____. *A cocanha*. Caxias do Sul: Maneco, 2011 (2000).
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Anotações de literatura e cultura regional*. Caxias do Sul: Educs, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* – Tomo III. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 (1983-85).

WHITE, Hayden. "Teoria literária e escrita da história". Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1978/1117>>. Acesso em: 10 Jun 2015 (1991). p. 21-48.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982 (1980).